

[delas.pt](https://www.delas.pt)

a engenheira que não sabia mexer em 'alicates'

por Carla Bernardino

11-15 minutes

A primeira e única mulher a liderar um governo em Portugal faria hoje 88 anos.

“Em Peniche, chegámos a um restaurante para almoçar e **Maria de Lourdes Pintasilgo viu uns alicates em cima da mesa.** Percebeu logo o que iríamos comer. Como tinha muito bom humor, comentou a situação porque, talvez, a tenha considerado excessiva: **Não vim cá para mexer em alicates.** Sou engenheira mas não sei mexer em alicates”. A história, entre risos, é trazida ao **Delas.pt por José Silva Peneda.** O atual presidente do Conselho Geral da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro era, em 1979 e aquando deste episódio, secretário de Estado da Administração Regional e Local do único governo até hoje liderado por uma mulher, em Portugal.

Maria de Lourdes Pintasilgo, formada em Engenharia Química no Instituto Superior Técnico, **chegou à governação após nomeação por iniciativa presidencial, indicada pelo General Ramalho Eanes.** À sua frente tinha um governo com prazo de validade, conhecido como “A Marcha dos Cem Dias”: a preparação de eleições legislativas intercalares, marcadas para dezembro de 1979 – e que viriam a ser ganhas pela AD, chefiada por Francisco Sá Carneiro.

Recorde os 50 momentos da vida da política

Sendo um governo que tinha sido nomeado – e não eleito –, foram muitos os que criticaram o **ímpeto legislativo de Pintasilgo e de construção de uma democracia que estava ainda a consolidar os seus primeiros passos**. António Correia de Campos era seu secretário de Estado da Saúde e lembra-se bem desses tempos. “Ela era uma pessoa de grande entrega à função, aos outros, era uma militante social da sua causa altamente empenhada e **foi durante o governo dela que se criou legislação em torno do sistema mínimo de proteção social, independentemente da pertença ou não dos cidadãos à Previdência**”, recorda o antigo ministro da Saúde socialista de António Guterres e de José Sócrates.

Em 1979, a imprensa deu conta da dificuldade que Maria de Lourdes Pintasilgo teve em ter mulheres ministras. Contou com duas secretárias de Estado, mas terá recebido três ‘nãos’ femininos

“**Ela levava a sério aquilo em que se metia**”, sublinha Silva Peneda, acrescentando: “Apesar de saber que era um governo de cem dias e de saber que tinha de preparar as eleições, **ela assumiu tudo como um compromisso. Era muito criticada na altura porque, como ministra por cem dias, não tinha que andar a fazer visitas em Portugal e a criar movimentos de opinião, mas notava-se que ambicionava mais.**” Ela discordou contra tudo e todos e virou-se para os portugueses. Aumentou-lhes, por exemplo, o salário mínimo e as pensões de velhice e invalidez.

Manuel Carvalho da Silva, ex-dirigente da CGTP, ainda chegou a debater estes e outros temas com o executivo de Pintasilgo, cuja

assessora era Maria Elisa Domingues, rosto e jornalista da RTP.

“As nossas discussões tinham a ver com trabalho e segurança social e ela tinha, no governo dela, pessoas com muita sensibilidade para estes temas”, refere Carvalho da Silva.

“Lembro-me de **uma mulher culta, muito capaz na análise dos problemas do seu tempo, com visão do futuro, com enorme apego aos valores da liberdade, da paz, da democracia e um exemplo de luta**”. Apesar de “ser uma pessoa com **diálogo fácil e sensível aos temas sociais, não mostrava grande domínio sobre a complexa matéria do trabalho**, o que é, ao contrário do senso comum, muito frequente em líderes políticos, jornalistas e não só”, diz o antigo dirigente ao **Delas.pt**.

Um governo que mudou... a governação em Portugal

Muitas das medidas de proteção social que foram promulgadas durante o seu governo foram depois anuladas mal a AD tomou posse. “Saímos a 3 de janeiro de 1980 e o governo revogou boa parte desses diplomas, depois retomou alguns de imediato”, conta Correia de Campos. Porquê? “Porque o novo executivo eleito considerou que, após ter sido legitimado nas eleições, todos os diplomas publicados depois dessa data teriam de ser revogados. **Até nisso se mudou completamente o sentido da governação do país**”, refere o político.

Na verdade, após eleições, os executivos que ainda estão no ativo não podem tomar medidas estruturais para o país, elas devem ficar para o novo governo eleito. “**É claro que ela não deve ter gostado, ficou muito triste com estas alterações**.”

Depois, ainda lhe foi retirado o lugar de embaixadora da UNESCO. Foi um período complicado embora hoje vejamos isso com outros olhos, com outra tolerância”, contextualiza Correia de Campos.

“Ela não era uma novata”

Como é que uma mulher que esteve de julho a dezembro de 1979 num governo se tornou tão importante para Portugal e é, ainda hoje, tão presente no imaginário coletivo do País? Silva Peneda tem a resposta: **“Ela já tinha um passado, já tinha sido da procuradora da Câmara Corporativa [nomeada por Marcelo Caetano] e já se tinha afirmado politicamente em governos anteriores, não era uma novata”**, recorda o político. Na verdade, Maria de Lourdes Pintasilgo foi ministra dos Assuntos Sociais de dois governos provisórios liderados por Vasco Gonçalves. Aliás, a forma como sempre tomou a política e as causas nas mãos valeram-lhe – aos olhos críticos da direita e durante o seu governo (o quinto) – o epíteto de “Vasco Gonçalves de saias”. Uma expressão cunhada por Francisco Lucas Pires.

“Ela geriu com reconhecida prudência e isenção o conturbado tempo eleitoral”, recordou Ramalho Eanes que a nomeou para um governo de iniciativa presidencial

Eanes nunca escondeu as razões pelas quais pediu à Engenheira Química que tomasse, temporariamente, as rédeas do governo em Portugal. **“Escolhi-a pela sua personalidade, ética e caráter”**, afirmou o antigo Presidente da República ao semanário *Expresso*. “Era uma mulher de princípios, **valores, culta, de boa formação académico-científica**, com experiência política, com longa prática de ação na área internacional e, além disso, **ousada, determinada e corajosa”**, justificou o antigo Chefe de Estado. Numa análise *a posteriori*, Eanes afirmou mesmo, numa conferência em 2010, que a sua gestão de 125

dias “foi francamente inovadora e, em muitos aspetos, meritória”. Recordou ele que **“geriu com reconhecida prudência e isenção o conturbado tempo eleitoral, resistindo a pressões e ataques de toda a ordem, mesmo, infelizmente, de caráter pessoal”**.

De volta ao período quente do pós 25 de Abril, foi como governante da pasta social que Pintasilgo (de julho de 1974 a março de 1975) viria a lançar as bases para mudar a vida das mulheres em Portugal. **Em fevereiro de 1975 aplica, com a criação da plataforma, o que começou por estudar em 1970: uma regulamentação do Trabalho Feminino**. Uma vez criada a Comissão, deu-se início – descreve o site da CIG – **“um levantamento das discriminações de que as mulheres eram alvo”** e **“surgem as primeiras medidas legislativas para as reverter, desde logo através do texto da Constituição aprovada em 1976”**. São também implementadas as primeiras estacas – elenca a mesma entidade – para o que **“em 1977”** viriam a ser **“as alterações no Código Civil (Direito da Família), que tiveram reflexos concretos no quotidiano das portuguesas”**.

A corrida a Belém e a luta pelas mulheres

“Estive na campanha para as presidenciais de 1986 ao lado dela. Tanto quanto sei, era **saboroso para a Maria de Lourdes sentir que as pessoas gostavam de a ouvir e aderiam às suas propostas**”, conta Margarida Santos, presidente da fundação criada por Pintasilgo, a Cuidar o Futuro, e **amiga desde os anos 50 do século passado e das tertúlias que tinham lugar em casa dela**. “Ela entendia que poderia servir o país com as suas ideias”, recorda Silva Peneda.

Nesse ano, a política, apoiada pela União Democrática Popular,

correu lado a lado com **Mário Soares, Salgado Zenha e com Freitas do Amaral e obteve 7,38%** dos votos na primeira volta, não prosseguindo para a segunda. “Perder não foi muito fácil, mas ela estava voltada para a frente, tinha sempre outras coisas para fazer e continuou”, conta Margarida ao Delas.pt.

“A imagem que tenho era ela sentada no sofá de casa, com um caderno ao colo – mais tarde um computador em cima dos joelhos –, a escrever coisas. **Quando alguém chegava, retirava tudo para o lado e convidava as pessoas a sentarem-se ao lado dela**”. A recordação é de Margarida Santos e repetiu-se desde os anos 50 até à data da morte, em 2004.

Ir de táxi para a apanha da azeitona? Não pode ser!

A atual presidente da Fundação Cuidar o Futuro entra na vida de Pintasilgo ainda enquanto estudante de Físico-Química, na Faculdade de Ciências de Lisboa e já Maria de Lourdes era dirigente da Juventude Universitária Católica em Portugal e com funções a nível europeu. “Por vezes, aos fins de semana, íamos para casa dela e **refletíamos sobre a necessidade de mobilizar as mulheres para terem uma presença ativa em todos os aspetos da sociedade**”, recorda Margarida.

Na altura, dizia que “não havia sentido nenhum que metade da sociedade não fosse ouvida em todas as situações”. Estas reuniões chegaram a contar com a presença de figuras internacionais, no âmbito do projeto Graal (movimento internacional de mulheres) em fins de semana de atividades.

As prioridades de Pintasilgo para as mulheres foram mudando e Margarida Santos recorda-se do apoio que sentiu quando **quis trazer para Portugal o projeto do “banco de horas”** e sublinha as últimas grandes **preocupações da dirigente em**

matéria de condição feminina. “Ela considerava que um dos aspetos que afetava principalmente as **mulheres era a pobreza e lutava pela conquista da liderança**”.

“Não havia sentido nenhum que metade da sociedade não fosse ouvida em todas as situações”, dizia Pintasilgo, nos anos 50 do século passado

Para lá destas lutas, Pintasilgo ergueu a voz contra a Invasão do Iraque, em 2003. Carvalho da Silva partilhou com ela o mesmo palco de uma manifestação contra esta decisão. **“Relevo esse último grande encontro em que trabalhámos ativamente na mobilização das pessoas** contra esse caso, uma causa que, hoje, está **profundamente provada que era justa**”, contextualiza.

Bem humorada, amante da reflexão e da poesia

Nascida em Abrantes, a 18 de janeiro de 1930, Maria de Lourdes Pintasilgo – que foi sempre uma aluna brilhante – cresceu numa família republicana e laica, mas aproximar-se-ia do catolicismo progressista, uma corrente pela qual sempre lutou e que emoldurou a sua busca por um Estado Social.

Quem com ela privou, como é o caso de Margarida, conta que a política **“era uma ótima ouvinte, interessada até pela vida privada das pessoas e pelos seus problemas**”. Adorava “refletir sobre as causas e, uma vez, tivemos de o fazer porque – ao abrigo das campanhas junto das comunidades – os estudantes foram para a apanha da azeitona em Portalegre. Como tinham de se levantar muito cedo, eles organizaram-se e foram mais tarde, de táxi. Não me lembro se Maria de Lourdes

estava lá, mas lembro-me da **importância que ela deu à necessidade de se refletir sobre isto**”, conta a presidente da fundação.

O **humor e o riso fácil são outras características elencadas por todos**, bem como o gosto pela poesia. “Ela sabia poemas inteiros de cor e era frequente citar versos nas suas palestras públicas. **Descobrimos que ambas sabíamos de cor o poema *A Lágrima, do Guerra Junqueiro***, e muitas vezes declamávamos os versos em alternância”, conta, entre sorrisos, Margarida. Maria de Lourdes Pintasilgo morreu a 10 de julho de 2004, tinha 74 anos.

Imagem de destaque: Montagem a partir de imagens de Global Imagens

[50 momentos da vida de Maria de Lourdes Pintasilgo](#)